

SUGESTÃO DE UM KIT DIDÁTICO TÁTIL PARA CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA.

Amanda Beatriz Corsino de Macêdo¹, André Pedro Fernandes Neto²

Resumo: Com o objetivo de estimular e educar crianças autistas, este artigo propõe sugestão para um kit didático tátil baseado na integração sensorial. A metodologia utilizada foi uma análise dos recursos didáticos atuais e a criação de especificações pedagógicas e técnicas baseadas em evidências. De acordo com os resultados, materiais multissensoriais podem auxiliar significativamente no desenvolvimento de habilidades sociais, regulação emocional e integração sensorial em crianças com TEA, particularmente aquelas que experimentam diversas texturas e estímulos táteis. Diversos elementos táteis, visuais e auditivos estão incluídos no kit didático sugerido, organizado em sequências didáticas progressivas que honram a singularidade sensorial do espectro autista. As contribuições deste estudo incluem recomendações baseadas em evidências para a criação de recursos educacionais inclusivos.

Palavras-chave: Transtorno do Espectro Autista; kit didático; materiais multissensoriais; integração sensorial; singularidade sensorial; recursos educacionais.

1. INTRODUÇÃO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) constitui uma das condições neurodesenvolvimental mais complexas e desafiadoras da atualidade, afetando milhões de crianças e suas famílias em todo o mundo. Caracterizado por um conjunto heterogêneo de manifestações que incluem dificuldades na comunicação social, padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades, e alterações significativas no processamento sensorial, o TEA apresenta-se como um espectro amplo de condições que demandam abordagens educacionais especializadas e individualizadas [1].

A prevalência do TEA tem demonstrado crescimento consistente nas últimas décadas, com estimativas atuais da Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS) indicando que uma em cada 160 crianças apresenta algum grau de manifestação do transtorno[1]. Este aumento pode ser atribuído a diversos fatores, incluindo maior conscientização sobre a condição, expansão dos critérios diagnósticos, aprimoramento das ferramentas de avaliação e melhor capacitação dos profissionais de saúde e educação para identificação precoce dos sinais característicos do espectroautista.

A Associação Brasileira de Integração Sensorial (ABIS) estima que pelo menos 30% das pessoas com TEA apresentam algum grau de disfunção sensorial [2], número que pode ser ainda maior considerando-se as dificuldades de identificação e avaliação dessas alterações em indivíduos com limitações comunicativas. Essas disfunções sensoriais não constituem apenas características secundárias do transtorno, mas representam barreiras fundamentais que podem impactar profundamente o processo de aprendizagem, desenvolvimento social, regulação emocional e qualidade de vida das crianças autistas.

Uma das características mais marcantes e frequentemente negligenciadas do TEA refere-se às alterações no processamento sensorial, que afetam significativamente a forma como as crianças autistas percebem, interpretam e respondem aos estímulos do ambiente. Segundo o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5), essas alterações manifestam-se como "hiper ou hipo-reatividade a estímulos sensoriais ou interesses incomuns em aspectos sensoriais do ambiente" [3], podendo incluir respostas adversas a sons, texturas, luzes ou movimentos específicos, bem como busca excessiva por determinados tipos de estimulação sensorial.

A capacidade de uma criança de organizar e interpretar com eficiência as informações do seu entorno depende da sua capacidade de processar informações sensoriais. Há problemas com o controle comportamental, a atenção sustentada, a interação social e a participação em atividades de aprendizagem quando esse processo é interrompido, como é frequentemente o caso do TEA. Enquanto crianças com hipossensibilidade podem buscar ativamente formas específicas de estimulação ou parecer indiferentes a estímulos que deveriam causar reações adaptativas, crianças com hipersensibilidade sensorial podem reagir com evitação ou angústia a estímulos que geralmente são toleráveis.

Neste contexto, a educação de crianças com TEA emerge como um desafio multifacetado que requer não apenas compreensão das características cognitivas e comportamentais do transtorno, mas também sensibilidade às particularidades sensoriais de cada indivíduo. A literatura científica tem demonstrado consistentemente que abordagens educacionais que consideram e abordam as necessidades sensoriais específicas das crianças autistas tendem a ser mais eficazes na promoção do desenvolvimento e na facilitação da aprendizagem [4].

2. DESENVOLVIMENTO

2.1. Transtorno do espectro autista- TEA

O Transtorno do Espectro Autista representa uma das condições neurodesenvolvimental mais estudadas e, simultaneamente, mais complexas da atualidade. A compreensão atual do TEA resulta de décadas de pesquisa científica que evoluíram desde as primeiras descrições clínicas de Leo Kanner em 1943 até as sofisticadas conceitualizações contemporâneas que reconhecem a natureza espectral e heterogênea desta condição.

Segundo a definição estabelecida pela Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS), o transtorno do espectro autista refere-se a uma série de condições caracterizadas por algum grau de comprometimento no comportamento social, na comunicação e na linguagem, e por uma gama estreita de interesses e atividades que são únicas para o indivíduo e realizadas de forma repetitiva [1]. Esta definição enfatiza a natureza dimensional do transtorno, reconhecendo que as manifestações podem variar significativamente entre indivíduos em termos de severidade, combinação de sintomas e impacto funcional.

O Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, em sua quinta edição (DSM-5), estabelece critérios diagnósticos que organizam as manifestações do TEA em duas grandes dimensões: déficits persistentes na comunicação social e na interação social, e padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades[3]. Esta reorganização diagnóstica, implementada em 2013, representou uma mudança paradigmática importante ao unificar sob o termo "espectro autista" condições anteriormente consideradas distintas, como o Transtorno Autista, Síndrome de Asperger e o Transtorno Global do Desenvolvimento Sem Outra Especificação.

Uma das inovações mais significativas do DSM-5 foi a inclusão explícita das alterações sensoriais como parte dos critérios diagnósticos do TEA. O manual especifica que os padrões restritos e repetitivos de comportamento podem incluir "hiper ou hipo-reatividade a estímulos sensoriais ou interesses incomuns em aspectos sensoriais do ambiente", exemplificando com "aparente indiferença à dor/temperatura, resposta adversa a sons ou texturas específicas, cheiro ou toque excessivo de objetos, fascínio visual por luzes ou movimento" [3].

Esta inclusão formal das características sensoriais nos critérios diagnósticos representa um reconhecimento científico da importância fundamental que as alterações no processamento sensorial desempenham na fenomenologia do TEA. Pesquisas anteriores já haviam documentado extensivamente a presença de disfunções sensoriais em indivíduos autistas, mas sua incorporação aos critérios oficiais legitimou sua relevância clínica e educacional.

2.2. Processamento sensorial em crianças autistas

O processamento sensorial refere-se ao complexo processo neurológico através do qual o sistema nervoso recebe, organiza e interpreta informações sensoriais provenientes do ambiente e do próprio corpo, permitindo respostas adaptativas eficazes [7]. Este processo, que ocorre de forma automática e inconsciente na maioria dos indivíduos, pode estar significativamente alterado em crianças com TEA, resultando em uma ampla gama de dificuldades que impactam o funcionamento diário, a aprendizagem e o desenvolvimento social.

A teoria da integração sensorial, desenvolvida pela terapeuta ocupacional Jean Ayres na década de 1970, fornece o framework teórico fundamental para compreender essas alterações. Segundo Ayres, a integração sensorial é "o processo neurológico que organiza as sensações do próprio corpo e do ambiente de forma a tornar possível o uso eficiente do corpo no ambiente" [6]. Quando este processo funciona adequadamente, permite que as crianças respondam de forma apropriada e adaptativa aos desafios sensoriais do cotidiano.

No contexto do TEA, as alterações no processamento sensorial podem manifestar-se através de diferentes padrões disfuncionais. A hipersensibilidade sensorial caracteriza-se por respostas exageradas ou aversivas a estímulos que são tipicamente toleráveis para a maioria das pessoas. Crianças com hipersensibilidade podem demonstrar reações intensas de evitação, distração ou comportamentos disruptivos quando expostas a determinados estímulos sensoriais [2].

2.3. Educação especial e metodologias de ensino para TEA

A educação de crianças com Transtorno do Espectro Autista representa um dos desafios mais complexos e multifacetados no campo da educação especial contemporânea. A heterogeneidade característica do espectro autista, combinada com as necessidades individualizadas de cada criança, demanda abordagens pedagógicas flexíveis, baseadas em evidências e sensíveis às particularidades sensoriais, comunicativas e sociais desta população.

O desenvolvimento de metodologias de ensino eficazes para crianças com TEA tem sido objeto de intensa investigação científica nas últimas décadas. Esta pesquisa tem demonstrado consistentemente que não existe uma abordagem única que seja eficaz para todas as crianças autistas, mas sim um conjunto de estratégias e princípios que podem ser adaptados e combinados de acordo com as necessidades específicas de cada indivíduo [8].

Entre as abordagens metodológicas que têm demonstrado maior eficácia para crianças com TEA, destacam-se as metodologias ativas de ensino, que enfatizam o papel ativo do estudante no processo de aprendizagem e promovem o desenvolvimento de habilidades através da experiência direta e da resolução de problemas. A aprendizagem baseada em projetos, por exemplo, tem se mostrado particularmente benéfica para

crianças autistas, pois permite a exploração de interesses específicos, promove o desenvolvimento de habilidades de pesquisa e organização, e facilita a generalização de aprendizagens para contextos reais [5].

2.4. Materiais didáticos táteis e multissensoriais

A utilização de materiais didáticos táteis e multissensoriais na educação de crianças com Transtorno do Espectro Autista fundamenta-se em décadas de pesquisa sobre desenvolvimento infantil, neuroplasticidade e teoria da integração sensorial. Esses materiais representam ferramentas pedagógicas especializadas que podem facilitar significativamente o processo de aprendizagem, desenvolvimento sensorial e regulação comportamental em crianças autistas.

O sentido do tato constitui um dos sistemas sensoriais mais fundamentais para o desenvolvimento humano, sendo o primeiro a desenvolver-se durante a gestação, mantendo-se ativo ao longo de toda a vida. Para crianças com TEA, que frequentemente apresentam alterações no processamento sensorial, experiências táteis organizadas e graduadas podem desempenhar um papel crucial no desenvolvimento da integração sensorial e na promoção de respostas adaptativas mais eficazes [9].

A importância dos materiais táteis na educação de crianças autistas pode ser compreendida através de múltiplas perspectivas teóricas. Do ponto de vista da teoria da integração sensorial, experiências táteis variadas podem contribuir para o desenvolvimento de mapas sensoriais mais organizados no sistema nervoso central, facilitando o processamento e a interpretação de informações sensoriais. Do ponto de vista da teoria da aprendizagem, materiais táteis podem proporcionar experiências concretas que facilitam a compreensão de conceitos abstratos e promovem a retenção de informações [10].

3. METODOLOGIA

No presente estudo, a iniciativa para a recomendação de um kit didático tátil é orientado na experiência pessoal e na recorrência do autismo no contexto familiar. A observação direta das necessidades e desafios enfrentados por membros da família com TEA, especialmente no que tange à interação com materiais de aprendizado convencionais, ressaltou a urgência de ferramentas que capitalizam as vias sensoriais preferenciais, como o tato. Esta perspectiva íntima não apenas valida a relevância do projeto, mas também oferece insights valiosos para o design e a funcionalidade do kit, visando uma ferramenta que seja verdadeiramente responsiva às demandas do público-alvo.

O processo da proposta do kit didático para crianças autistas foi estruturado em fases sequenciais, garantindo a coleta de informações relevantes e a adaptação do material às necessidades específicas do público-alvo. A seguir a figura 1 ilustra as etapas da metodologia apresentada:

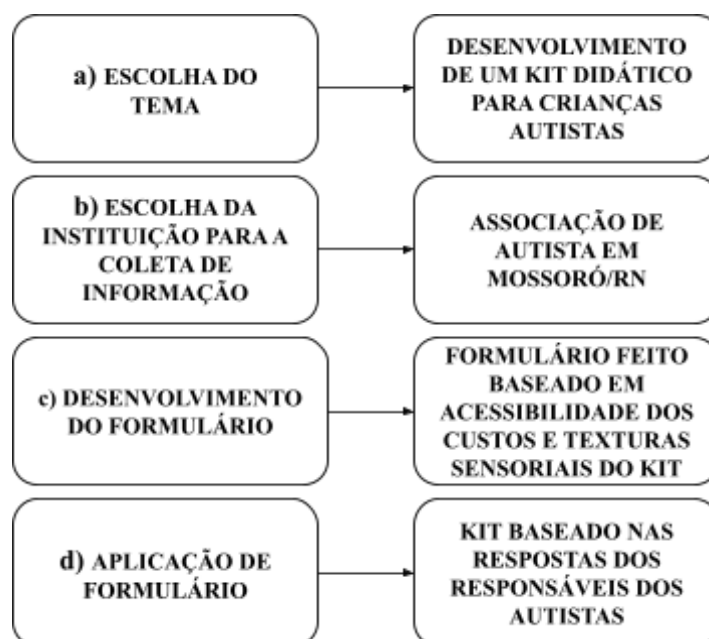


Figura 1

Fonte: Autoria própria (2025)

a) Escolha do tema: Sugestão de um kit didático para crianças autistas

A fase inicial do projeto consistiu na definição do tema central: a sugestão de um kit didático especificamente

projetado para atender às necessidades de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA). A escolha desse tema justifica-se pela crescente demanda por recursos pedagógicos inclusivos e pela importância de materiais adaptados que possam auxiliar no processo de aprendizagem e desenvolvimento de habilidades em crianças autistas.

b) Escolha da Instituição para a Coleta de Informação: Associação de Autistas em Mossoró/RN

Para garantir que o kit didático fosse desenvolvido com base em informações reais e necessidades práticas, optou-se pela colaboração com uma instituição especializada no atendimento a pessoas com autismo. A Associação de Autistas em Mossoró/RN foi selecionada como campo de pesquisa devido à sua experiência e ao contato direto com crianças autistas e seus responsáveis. Essa parceria permitiu o acesso a um ambiente autêntico para a coleta de dados, assegurando que as informações obtidas fossem representativas das demandas e desafios enfrentados por essa comunidade. A interação com a instituição foi crucial para contextualizar o projeto e direcionar o desenvolvimento do material de forma eficaz.

c) Desenvolvimento do Formulário: Acessibilidade dos Custos e Textura Sensorial do Kit

A terceira etapa envolveu a criação de um formulário de coleta de dados. Este instrumento foi cuidadosamente elaborado para investigar aspectos cruciais relacionados ao kit didático, com foco especial na acessibilidade dos custos e na textura sensorial dos materiais. A preocupação com a acessibilidade financeira visa garantir que o kit seja viável para um amplo espectro de famílias, enquanto a atenção à textura sensorial reconhece a hipersensibilidade ou hipossensibilidade tátil comum em indivíduos com TEA. O formulário incluiu perguntas que permitiram avaliar preferências por diferentes tipos de materiais, cores, formas e funcionalidades, bem como disposição para investir em um recurso didático que atenda a essas especificidades. A construção do formulário foi pautada na obtenção de informações que subsidiam decisões de design e produção do kit, tornando-o funcional e atrativo para as crianças autistas.

d) Aplicação do Formulário: Kit Baseado nas Respostas dos Responsáveis dos Autistas

A etapa final da metodologia consistiu na aplicação do formulário aos responsáveis por crianças autistas. As respostas coletadas foram analisadas criteriosamente, servindo como base para a criação e o aprimoramento do kit didático. Este processo iterativo, fundamentado nas percepções e necessidades expressas pelos responsáveis, garantiu que o produto final fosse relevante, prático e alinhado às expectativas de quem convive diariamente com o TEA. A participação ativa dos responsáveis foi fundamental para validar as premissas do projeto e assegurar que o kit didático fosse uma ferramenta eficaz no apoio ao desenvolvimento e à aprendizagem das crianças autistas, promovendo a inclusão e a autonomia.

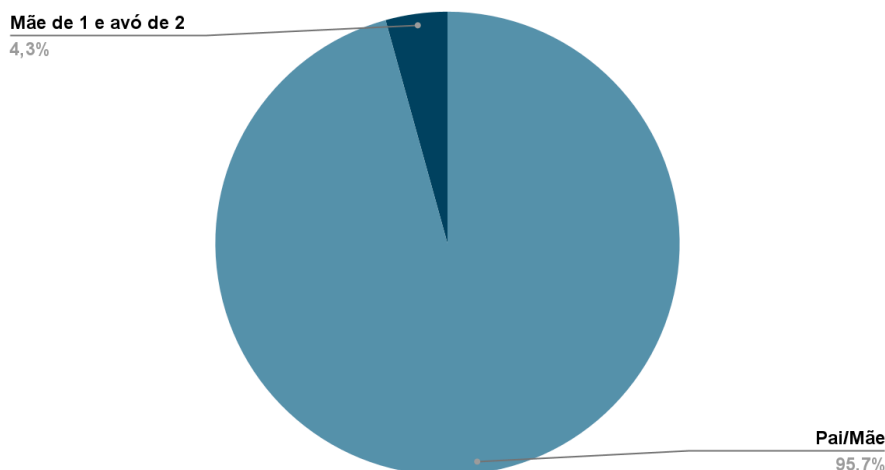
4. RESULTADOS DO FORMULÁRIO

A proposta do kit didático para crianças com autismo foi documentada em um formulário criado e disponibilizado na plataforma Google Docs. O principal objetivo deste projeto foi apresentar um panorama mais completo das características de pessoas que convivem rotineiramente com o autismo. A pesquisa foi respondida por 23 indivíduos com diversas conexões com crianças com transtorno do espectro autista (TEA), incluindo familiares, educadores, cuidadores e outros membros da rede de apoio. De acordo com as respostas recebidas, foram descobertas informações importantes sobre o nível de intimidade, experiências, percepções e desafios enfrentados por esses participantes, fornecendo dados valiosos para reflexão e ações futuras, a fim de acolhê-las e incluí-las.

O resultado do gráfico 1 abaixo apontou que 95,7% dos participantes são pais ou mães, evidenciando que a grande maioria das respostas veio de familiares diretos. Além disso, um pequeno percentual de respondentes se identificou como avós e mães de outras crianças (4,3%), enquanto não foram registradas respostas de educadores, terapeutas ou outros responsáveis.

Esses dados são fundamentais para entender o contexto familiar das crianças autistas atendidas e reforçam a importância de estratégias de apoio voltadas principalmente para os pais.

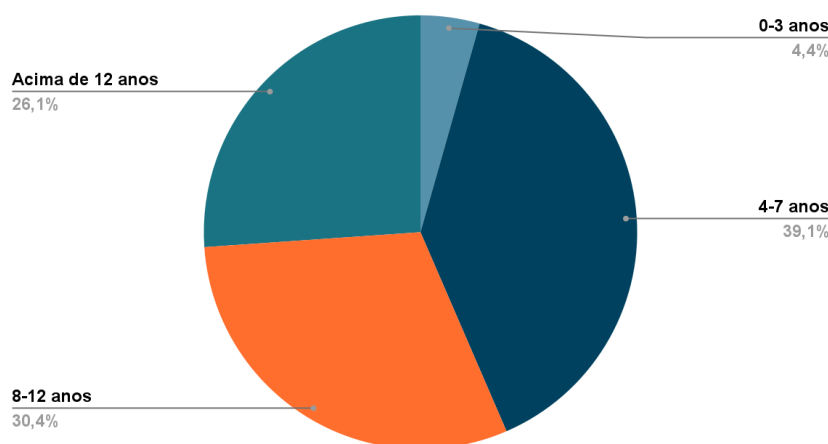
Gráfico 1- Relação dos participantes com a criança autista



Fonte: Autoria própria (2025)

O gráfico 2 abaixo mostra a distribuição etária das crianças atendidas pela associação, com base nos resultados da pesquisa. Pode-se observar que a maioria dos jovens está entre 4 e 7 anos (39,1%), seguido pelo grupo de 8 a 12 anos (30,4%). Os jovens com mais de 12 anos vêm em terceiro (26,1%), enquanto os jovens de 0 a 3 anos compõem a menor proporção, respondendo por apenas uma pequena parcela do total. Essas informações são essenciais para conhecer o perfil das crianças atendidas pela associação, permitindo atividades e intervenções mais direcionadas a cada faixa etária.

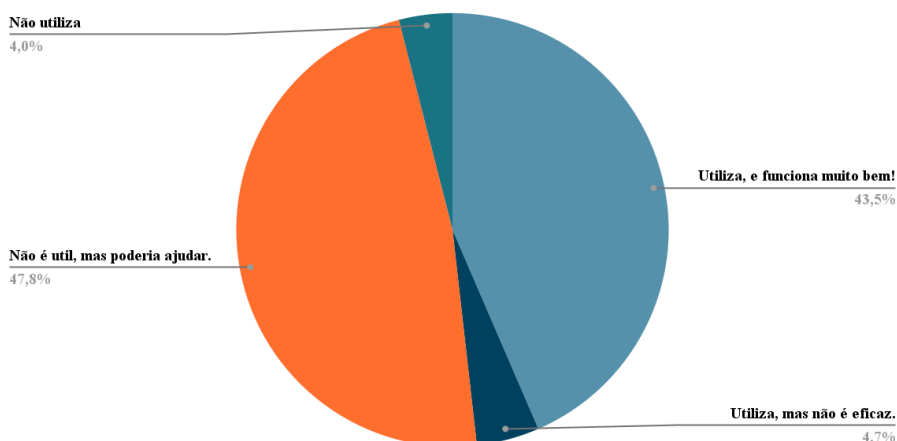
Gráfico 2- Idade da criança



Fonte: Autoria própria (2025)

O gráfico 3 descreve os resultados de uma pesquisa da associação com responsáveis e educadores sobre o uso de materiais táteis e sensoriais na aprendizagem das crianças. A investigação fundamental buscou determinar se e quanto efetivamente os jovens usam esse tipo de recurso. De acordo com os dados obtidos, 43,5% dos entrevistados afirmaram que as crianças usam materiais táteis e que essa estratégia funciona extremamente bem. Outros 47,8% disseram que ainda não utilizam esses materiais, mas acreditam que eles podem ajudá-los a aprender. Uma porcentagem menor, mostrada pela cor laranja, declarou que já havia testado certos produtos, mas nem sempre obteve resultados satisfatórios.

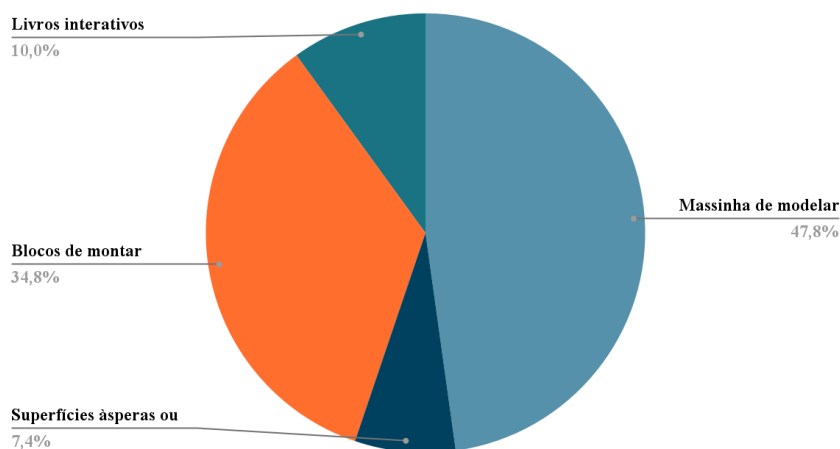
Gráfico 3- Utilização de materiais táteis ou sensoriais no aprendizado



Fonte: Autoria própria (2025)

O gráfico 4 mostra os itens táteis e sensoriais favoritos entre os jovens da associação. A massinha de modelar recebeu a maioria dos votos, 47,8%, seguida pelos blocos de construção (34,8%). Outros materiais, como superfícies ásperas ou macias, textos interativos e tinta, não foram populares. Além disso, algumas crianças têm problemas sensoriais. Essas descobertas enfatizam a necessidade de usar uma variedade de materiais no aprendizado, com foco naqueles que promovem o envolvimento manual e o desenvolvimento infantil.

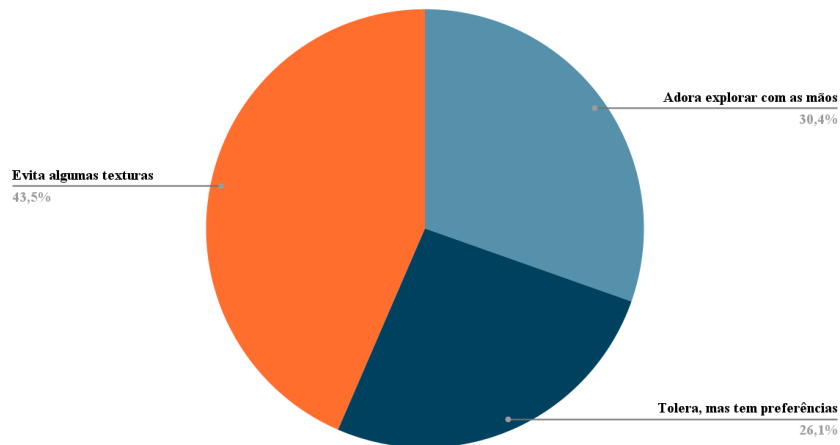
Gráfico 4- Materiais táteis preferidos da criança



Fonte: Autoria própria (2025)

O estudo descobriu que 43,5% das crianças evitam texturas específicas, indicando desconforto ou seletividade tátil. Além disso, 30,4% gostam de examinar várias superfícies com as mãos, demonstrando uma busca ativa por estímulos sensoriais. Enquanto isso, 26,1% toleram bem o contato com muitas texturas, mas têm preferências únicas, indicando a presença de padrões individuais de aceitação sensorial. Essas descobertas são essenciais para adaptar táticas terapêuticas e educacionais para garantir que as experiências sensoriais sejam confortáveis e respeitadas para cada criança.

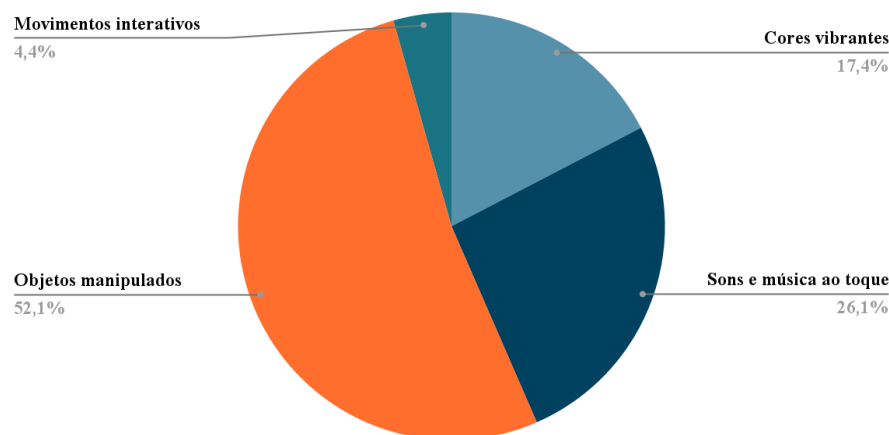
Gráfico 5- Relação da criança ao toque em diferentes texturas



Fonte: Autoria própria (2025)

Os resultados do gráfico 6 mostram que a maioria dos jovens, 52,2%, estava mais interessada em objetos que pudessem ser manipulados e encaixados, enfatizando a importância do aprendizado prático e interativo. Além disso, 26,1% das crianças responderam melhor a sons e música pareados com toque, o que implica que estímulos auditivos combinados com experiências táteis podem ser ferramentas úteis de ensino. Finalmente, 17,4% demonstraram maior interesse quando expostos a matizes brilhantes e contrastantes, confirmando o impacto de estímulos visuais no aprendizado. Entender essas preferências é fundamental para desenvolver métodos instrucionais mais eficazes, adaptados às necessidades sensoriais de crianças autistas.

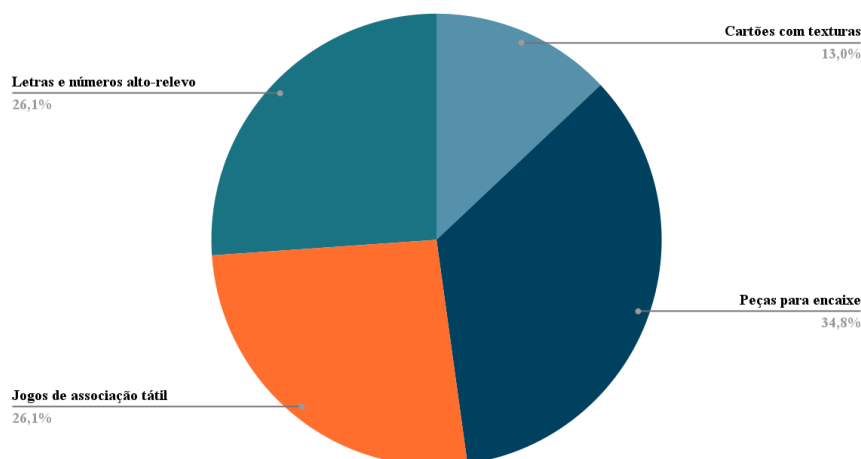
Gráfico 6- Elementos que mais chamam a atenção da criança ao aprender



Fonte: Autoria própria (2025)

O gráfico 7 identificou os materiais táteis mais relevantes para auxiliar na aprendizagem de crianças autistas. 34,8% consideram peças de encaixe essenciais, destacando a importância da coordenação motora. 26,1% preferem jogos de associação tátil, enquanto 21,7% apontam letras e números em alto relevo como essenciais para a alfabetização. 13% valorizam cartões e livros com texturas variadas. Esses dados reforçam a necessidade de materiais adaptados para uma aprendizagem mais inclusiva.

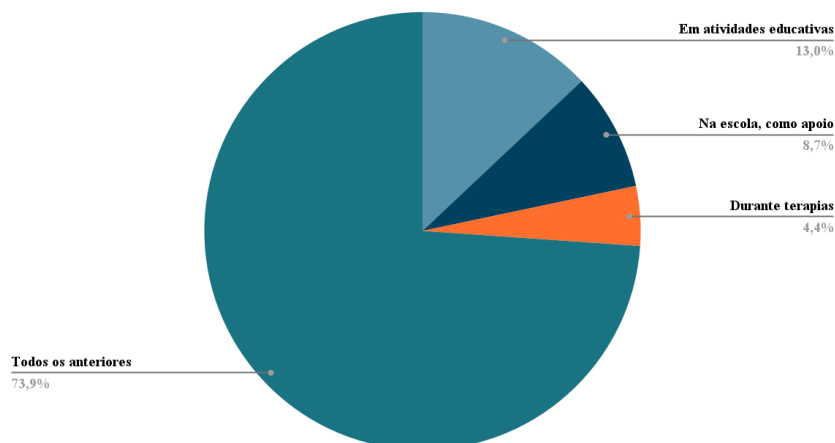
Gráfico 7- Itens essenciais em um kit didático tátil



Fonte: Autoria própria (2025)

Com base nos dados apresentados abaixo, é possível observar que a maioria das pessoas (73,9%) acredita que o kit poderia ser utilizado em diversas situações do dia a dia, abrangendo tanto o ambiente escolar quanto o doméstico e outras aplicações. Além disso, 13% dos respondentes destacam o uso do kit especificamente em atividades educativas em casa, o que sugere que ele pode ser uma ferramenta útil para complementar o aprendizado fora da escola. Já 9,7% apontam que seu uso na escola seria benéfico como apoio ao aprendizado, reforçando seu papel no desenvolvimento educacional dos alunos. Esses dados indicam que o kit possui um grande potencial de aplicação em diferentes contextos, contribuindo para a educação de forma ampla e acessível.

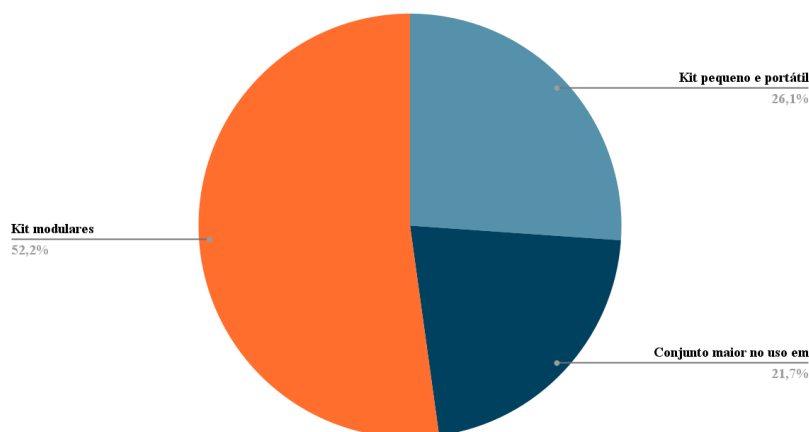
Gráfico 8- Possíveis utilizações do kit didático tátil no dia a dia



Fonte: Autoria própria (2025)

O formulário indicou diante ao gráfico 9 que 52,2% dos participantes preferem kits modulares, que podem ser combinados conforme a necessidade da criança, proporcionando mais flexibilidade e personalização. Além disso, 26,1% destacaram a importância de um kit pequeno e portátil, fácil de carregar no dia a dia. Por outro lado, 21,7% optam por um conjunto maior, adequado tanto para casa quanto para a escola. Dessa forma, o ideal seria equilibrar modularidade e portabilidade para atender às diferentes preferências identificadas.

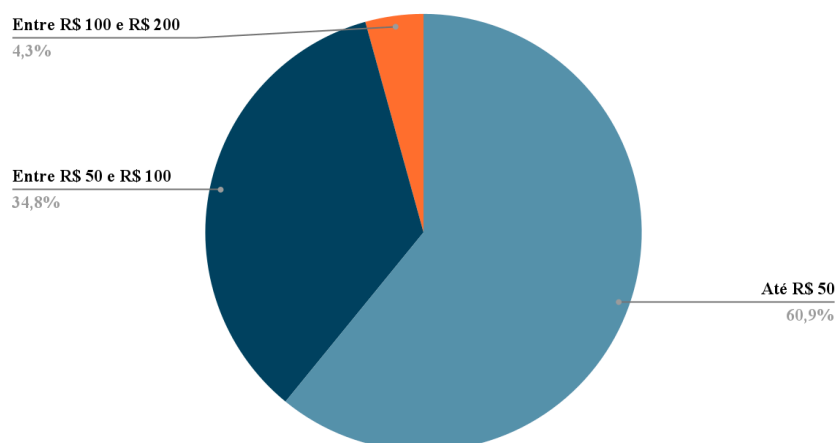
Gráfico 9- Formato ideal para o kit didático tátil



Fonte: Autoria própria (2025)

Diante o gráfico 10 representa que a maioria dos participantes (60,9%) considera um preço justo para o kit até R\$ 50, evidenciando a necessidade de uma opção acessível. Já 34,8% estariam dispostos a pagar entre R\$ 50 e R\$ 100, sugerindo que uma parcela do público valoriza características adicionais que possam justificar um investimento maior. Esses dados reforçam a importância de oferecer opções com bom custo-benefício, atendendo tanto à demanda por preços mais baixos quanto à busca por kits mais completos.

Gráfico 10- Preço justo para o kit didático tátil



Fonte: Autoria própria (2025)

Os resultados corroboram a necessidade crucial de um recurso educacional de estimulação sensorial acessível e flexível. Priorizar a portabilidade garantirá o uso contínuo do kit em diversos contextos, enquanto o foco na modularidade permitirá que ele seja adaptado às necessidades sensoriais específicas de cada autista. Por meio de recursos úteis e atenciosos, este projeto promove a inclusão, ao mesmo tempo em que melhora a aprendizagem e reforça o apoio familiar e escolar.

5. CONCLUSÕES

Este estudo desenvolveu uma proposta abrangente e fundamentada para um kit didático tátil destinado à estimulação sensorial de crianças com Transtorno do Espectro Autista. A investigação revelou que a integração sistemática de materiais multissensoriais, baseada em princípios da teoria da integração sensorial e melhores práticas em educação especial, pode oferecer contribuições significativas para o desenvolvimento de crianças autistas em múltiplos domínios.

O processo do kit, resultou em um produto que integra componentes táteis, visuais e sonoros de forma coesa

e pedagogicamente estruturada. A variedade de materiais incluídos permite experiências sensoriais graduadas que podem ser adaptadas às necessidades específicas de crianças com diferentes perfis sensoriais no espectro autista.

A sugestão do kit didático tátil proposto neste estudo representa um passo significativo em direção ao fornecimento de recursos especializados e baseados em evidências para educação de crianças com Transtorno do Espectro Autista. A proposta desenvolvida demonstra como conhecimento científico estabelecido pode ser traduzido em ferramentas práticas que atendam às necessidades reais de crianças, famílias e profissionais.

A natureza multidisciplinar deste trabalho, integrando perspectivas da terapia ocupacional, educação especial, psicologia do desenvolvimento e design educacional, ilustra a importância de abordagens colaborativas para desenvolvimento de soluções inovadoras em educação especial. Esta colaboração entre diferentes áreas de expertise é essencial para criação de recursos que sejam simultaneamente teoricamente fundamentados e praticamente viáveis.

O reconhecimento das limitações deste estudo e a identificação de direções para pesquisas futuras refletem o compromisso com o avanço contínuo do conhecimento e a melhoria constante das práticas educacionais. O desenvolvimento de materiais educacionais especializados é um processo iterativo que requer refinamento baseado em evidências empíricas e feedback de implementação.

A esperança é que este estudo possa contribuir para maior disponibilidade de recursos especializados para crianças com TEA e suas famílias, promovendo maior inclusão educacional e melhores resultados desenvolvimentais. O kit proposto representa não apenas um produto educacional, mas também um símbolo do compromisso com a criação de oportunidades educacionais equitativas e eficazes para todas as crianças.

A implementação bem-sucedida desta proposta dependerá da colaboração contínua entre pesquisadores, educadores, terapeutas, famílias e formuladores de políticas. Somente através desta colaboração será possível traduzir o potencial teórico do kit em benefícios reais para crianças com TEA e contribuir para a construção de uma sociedade mais inclusiva e acolhedora para pessoas com necessidades especiais.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- [1] Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS). Transtorno do espectro autista. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/topicos/transtorno-do-espectro-autista>. Acesso em: 22 jun. 2025.
- [2] Associação Brasileira de Integração Sensorial (ABIS). Processamento sensorial no autismo. São Paulo: ABIS, 2023.
- [3] American Psychiatric Association. Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais: DSM-5. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.
- [4] Schaaf, R. C., & Mailloux, Z. Clinician's guide for implementing Ayres Sensory Integration: Promoting participation for children with autism. Bethesda: AOTA Press, 2015.
- [5] Silva, M. R., & Santos, A. B. Metodologias ativas no ensino de crianças com TEA: uma revisão sistemática. Revista Brasileira de Educação Especial, v. 28, n. 2, p. 245-262, 2022.
- [6] Ayres, A. J. Sensory integration and the child: Understanding hidden sensory challenges. Los Angeles: Western Psychological Services, 2005.
- [7] Miller, L. J., et al. Concept evolution in sensory integration: a proposed nosology for diagnosis. American Journal of Occupational Therapy, v. 61, n. 2, p. 135-140, 2007.
- [8] National Research Council. Educating children with autism. Washington: National Academy Press, 2001.
- [9] Field, T. Touch for socioemotional and physical well-being: a review. Developmental Review, v. 30, n. 4, p. 367-383, 2010.
- [10] Piaget, J. The construction of reality in the child. New York: Basic Books, 1954.